

PROPRIETÁRIO - CENTRO DE RECURSOS E APOIO PEDAGÓGICO DO ENSINO BÁSICO DE BARCELOS

DIRECTOR - ADOZINDA PACHECO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - Conselho Pedagógico do C.R.A.P.E.B. de Barcelos

Ano XI - Nº32

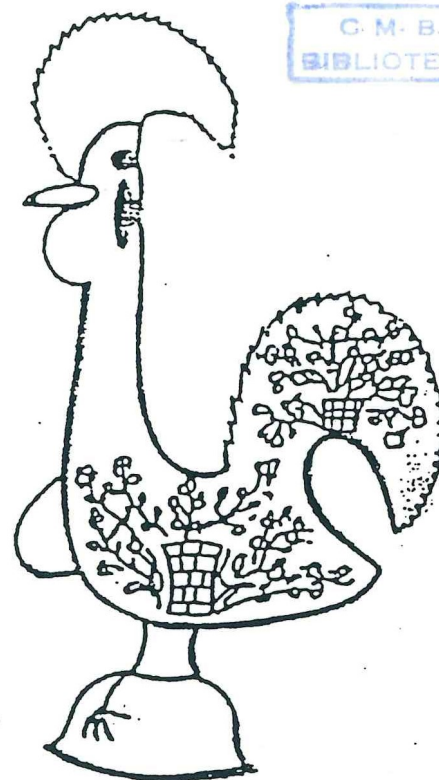
Rua Dr. José António P. Machado, Loja 6 - 4750 BARCELOS

Novembro - 1994

Publicação Trimestral

Distribuição gratuita

C. M. B.
BIBLIOTECA



E
S
C
O
L
A

CENTRO
RECURSOS
APOIO
PEDAGÓGICO
BARCELOS

EDITORIAL

Gostaríamos de reflectir com os colegas sobre o papel que a escola deve ocupar como espaço facilitador de todo um conjunto de acções e interacções que promovem o desenvolvimento do pensamento individual e social. De acções que a criança realiza com os objectos, com as coisas significativas do seu mundo, e das interacções consigo própria e com os outros.

Daí a importância da escola como meio facilitador de óptimas interacções entre a criança e uma realidade que, não desvalorizando o que a criança é em função do seu meio, se constitui como lugar de partilha de experiências diferentes, mas igualmente validadas pela escola.

Ora, todos sabemos, que a linguagem verbal é o veículo de aprendizagem por excelência, porque é, através da palavra que a criança aprende a pensar "as coisas" e "nas coisas". Contudo, diz-nos a experiência que muitas crianças, chegam à escola vindas de meios fortemente carenciados de estímulos visuais, afectivos e verbais e, por tal, com grandes dificuldades em desenvolver um sistema eficaz de comunicação ou interacção verbal.

Por várias razões, as trocas verbais da família com a criança não acontecem ou são insuficientes, quer por falta de tempo quer por falta de disponibilidade. As relações que se estabelecem são autoritárias, posicionais, fracamente mediadas pela palavra e racionalidade. A linguagem usada na família serve mais para controlar comportamentos, sentimentos, para manter a máquina social da casa a funcionar, do que para levar a criança a desenvolver capacidades específicas, tanto no campo do reconhecimento verbal como no da compreensão.

Ora, se a criança não cresce dentro de um ambiente linguístico normal, dificilmente enriquecerá a sua linguagem, porque, se por um lado o meio lhe fornece modelos linguísticos que a criança "imita", por outro lado, funciona como um abastecedor de informação que ela processa, testando. Peran-

HISTÓRIA DA NOSSA TERRA

"MATANÇA DO PORCO"

O mês de Novembro era o mês escolhido para a chamada "Matança do porco". A razão desta escolha era determinada pela baixa temperatura que se faz sentir nesta época do ano e que ajudava à conservação da carne. Hoje em dia, a existência de árcas frigoríficas permitem que a "Matança do porco" tenha lugar num prazo bastante mais dilatado.

Mas, apesar de tudo, continuamos a colocá-la no mês de Novembro, dando a razão aos inúmeros ditados que a situam na época das festividades de S. Martinho.

Logo de manhãzinha aparece o matador e os seus ajudantes.

O porco, depois de imenso trabalho e não menos esforço, é deitado em cima de um carro de bois e imobilizado por cordas.

Os seus grunhidos quase nos fazem supor que o animal como que adivinha a sua sorte.

Depois de lavado o pescoço e enxugado, o matador, em gesto rápido e preciso, mete a grande faca, bem afiada, na "gorja" do animal.

Os seus roncos vão-se silenciando pouco a pouco, enquanto a dona da casa vai aparando o sangue num grande alguidar, levando-o, de seguida, para a cozinha a fim de ser "encalido".

Os homens chamuscam o porco, com molhos de palha a arder, em cima de uma grade e lavam-no, com água quente, ficando a sua pele com um tom dourado.

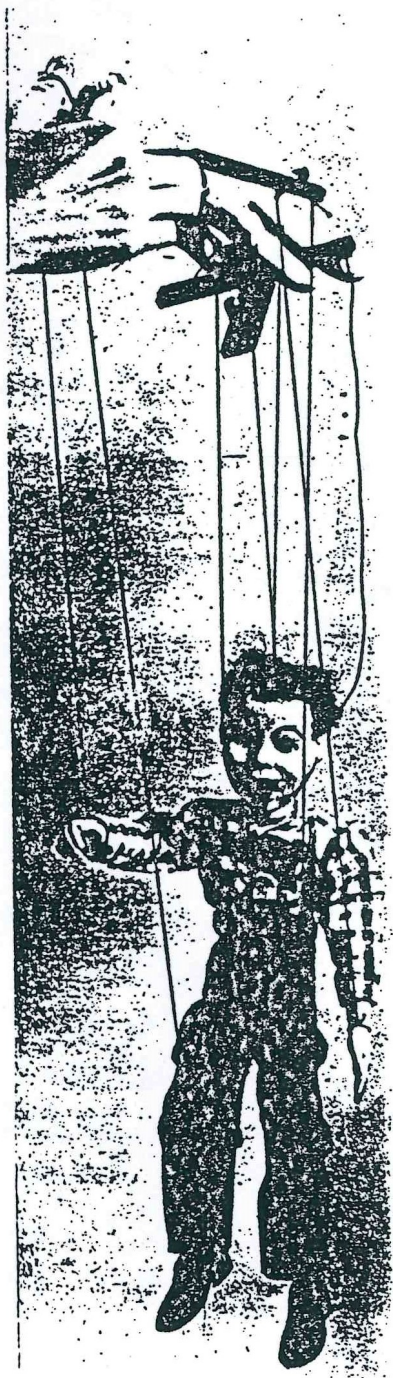
Volta então para cima do carro, agora com as pernas para o ar e, depois de aberto de alto a baixo, tiram-lhe o coração, as tripas e os "leves".

As tripas são, de seguida, desenlaçadas para lhes tirar o "redenho". O corpo é "engalhado" e depois içado numa trave da "loja" sendo desfeito no dia seguinte.

As diferentes partes do porco são então colocadas na salgadeira, previamente esfregadas com bom vinho, sal, alhos e pimenta.

Isto, aliado aos produtos do fumeiro, sobre a lareira, e os potes de pinque com rojões, constituíam a principal fonte da alimentação das famílias rurais deste vasto concelho, num passado ainda muito recente.

AS MÃOS



Cinco dedos, uma mão
Com muita ternura e pureza.
Está ligada ao coração,
Faz parte da Natureza.

São muito lindas e belas,
São úteis no dia-a-dia.
Abrem portas e janelas
Por onde entra a alegria.

Participam do pensar,
Colhem a mais simples flor.
No dia a desabrochar
Espalham perfume e Amor.

Um amor que não se desfaz
Por esse mundo além.
Não à guerra, sim à Paz!
As mãos praticam o bem.

Não é a realidade,
Mas um dia há-de ser;
E eu direi de verdade
Que as mãos são meu viver.

Governam mundos e fundos
E a guerra vão fazer.
Porquê espalhar tanto ódio
Se as mãos querem renascer?

Assim falam minhas mãos
Entre gestos de carinho.
Querem um mundo de irmãos:
— Para a frente é o caminho!

Nuno Sousa